

INFLAMMATIO IN TEMPORE

Tempus autem est pars quædam æternitatis.

(Cícero, *De Inventione*, I, 26: 39)

1. Não sei porquê, mas é isto que me ocorre, sobrevoando o Atlântico, quando o avião, ao sopro de Zéfiro, me leva da Ilha, minha casa. Talvez traga o espírito imerso em Alfred Lewis, que primeiro foi o açoriano Alfredo Luís e que um dia, já americano, escreveu um livro a que chamou *Home is an Island*. Talvez seja o efeito da nostalgia que sempre me toma quando sobrevooo o mar, ou com ele dialogo sentado nas banquetas de pedra da minha casa na Ilha – que nele mergulha.



2. Lê-se no *Gênesis* que no princípio, quando Deus criou o céu e a terra, esta não tinha forma nem ordem: era um mar profundo coberto de escuridão; porém, sobre as águas pairava o espírito de Deus. O *rouah*.



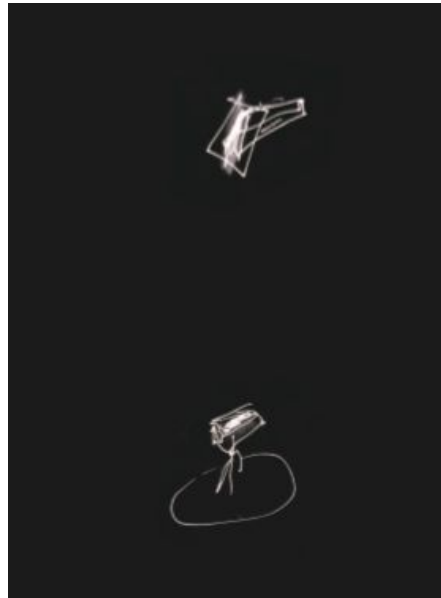
3. Esta verdade foi-nos igualmente revelada pela palavra de Hesíodo, ele mesmo, aquele que pastoreava as suas ovelhas nas faldas do monte Hélicon: um dia, diz ele (*Teogonia*), as Musas do Olimpo vieram revelar-lhe todas as verdades e mentiras do mundo: que primeiro nascera o Caos, depois a Terra, depois o Tártaro, depois o mais belo dos deuses, Eros – que domina o espírito e a vontade dos homens –, e assim por diante, numa cadeia sem fim de entes que são filhos de deusas imortais que fornicaram com homens mortais; os quais, como sabemos pela *Ilíada*, Zeus trazia dominados por uma corrente feita de ouro que amarrava a Terra ao Olimpo – assim mantendo unidos todos os que neles habitavam.



4. Sentimento estranho, este, que se apossa de um agnóstico meditabundo como eu – mais dado a ver as coisas (que a ciência moderna descreve sem lhes ver a alma) tendo como referência espontânea os mitos da antiga Grécia, que são poéticos e carnavais, e os da Bíblia, que é o livro do Tempo. Do nosso tempo. Daquilo que fomos antes que o tempo – *esse grande escultor* (Yourcenar) – fosse percebido, contado, moldado. Daquilo que seremos quando, num *eterno retorno* (Platão), regressarmos ao pó: – *Hominem te memento!*



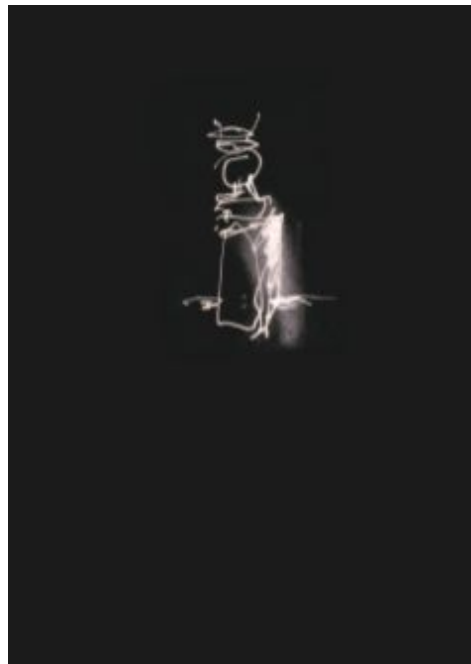
5. Porque o tempo nos dá a narrativa do que se passa debaixo do Sol – quando olhado a partir da Terra. Porque há um tempo de nascer e um tempo de morrer, um tempo de chorar e um tempo de sorrir, um tempo de buscar e um tempo de perder (*Eclesiastes*); porque houve um primeiro dia, e os dias que até hoje vieram, e neles os homens e as mulheres, e as histórias de vida que a invenção da palavra permitiu que fossem narradas.



6. E no entanto, é no sopro de Zéfiro que eu me sinto sustentado ao abandonar a Ilha – aquele suave vento ocidental, um dos Titãs, o mensageiro da Primavera, que na sua carnalidade produtiva prezava as mulheres por quem se apaixonava com dons que tornavam a Terra um lugar aprazível: a Íris, Zéfiro concedeu o arco-íris; a Clóris, as flores, com ela gerando Carpo, o deus dos frutos; a Celeno, a gestação de Xanto e Balios, os cavalos de Aquiles. Mas, como deus sensível à beleza – e aqui Ricardo Reis:

*Por igual a beleza eu apeteço
Seja onde for, beleza –,*

Zéfiro também se tomara de amores por Jacinto que, igualmente cortejado por Apolo, por este optara: enciumado, Zéfiro provocou a morte do belo Jacinto – e, impotente na sua dor, a partir do sangue do amante morto Apolo criou a rubra flor a que ainda hoje chamamos jacinto.



7. É pois mergulhado nesta forma de nostalgia que eu, ao sentir-me transportado nos sopros de Zéfiro – outra maneira de representar o sopro divino que no princípio do tempo pairava sobre as águas do mar – que me levam mais alto do que qualquer avião, permitindo-me assim ver, de uma só vista, todas as ilhas do mar –, é tomado desta nostalgia sem nome nem sustento que eu vou identificando, lá em baixo, ilha após ilha, Íris dançando no seu arco, Clóris brotando em flores, Carpo gerando frutos, Celeno procriando os cavalos de Aquiles, Xanto e Balios chorando a morte do Guerreiro, e Apolo transformando em flores rubras o sangue derramado de Jacinto.



8. E sobre todas elas eu sinto que sopra o espírito divino – seja ele o *rouah* do *Génesis*, o *zéfiro* dos Gregos, ou o *espírito santo*, que é a divindade que nos comanda nos tempos da vida: o tempo de nascer, o tempo de criar, e o tempo de morrer.



9. Porque *o tempo também faz parte da eternidade* (Cícero), e é nele que nós, os mortais amarrados aos deuses pelo espírito, e à terra pelo corpo, encenamos uma comédia que é ao mesmo tempo *divina* (Dante) e *humana* (Balzac).



10. – *De temporum fine comædia* (Carl Orff) – tal como António Barros, em silêncio, no-la encena: na escuridão do caos inicial, a luz que depois vem desenha os corpos e inventa o espírito.



Luiz Fagundes Duarte
27.II.20